

6

Discussão dos Resultados das Entrevistas

Neste capítulo apresentarei a discussão de alguns resultados realizando um contraponto com o que foi especulado ao longo deste trabalho a respeito de infidelidade e traição.

Vimos no terceiro capítulo que para Ben-Ze'ev (2004), o ciberespaço possui uma natureza interativa. Em outras palavras, o ciberespaço é um lugar onde pessoas reais têm interações reais com outras pessoas. Com relação a esta interatividade, os usuários do Orkut podem, e estão de fato, mantendo contato com várias pessoas, sejam elas já pertencentes ao seu ciclo social fora da Rede, ou que se tornaram conhecidas dentro da Internet, ou do próprio Orkut. Ou seja, assim como as salas de bate-papo, o Orkut também é usado para se conhecer pessoas novas, mas a característica que mais interessou aos usuários do Orkut que fez com que eles entrassem para esta comunidade virtual, foi a possibilidade de encontrar pessoas com as quais já tinha se perdido contato, como os velhos amigos. Esta característica não existia nos outros meios que já foram muito usados para se relacionar virtualmente (como o IRC, por exemplo).

Outra diferença entre o Orkut e as salas de bate-papo é a questão do anonimato. Foi visto que a comunicação via Internet possibilita que os usuários utilizem o recurso de permanecerem anônimos e a auto-revelação só acontecerá se a pessoa estiver realmente interessada pela outra pessoa e vice-versa (Merkle and Richardson, 2000). Enquanto que no Orkut ele praticamente inexiste, pois os sujeitos lá se expõem através de fotos, características pessoais e através do próprio nome, nas salas de bate-papo a identidade era preservada através do uso dos *nicks*. Isto não quer dizer que no Orkut todas as pessoas se expõem, pois existe um outro “lado” da comunidade, no qual há também aqueles que não se expõem por completo, pois assumem outra personalidade, usando outro nome, apelido ou até mesmo não revelando sua foto verdadeira. Mas este outro aspecto anônimo do Orkut não foi abordado nesta pesquisa, pois nela só participaram sujeitos que não estão usando o anonimato no Orkut. Ademais, este recurso começou a ser usado

no Orkut mais recentemente, pois desde que foi lançado, as pessoas comumente se cadastravam expondo sua identidade verdadeira.

Uma outra questão interessante que foi apontada pelos sujeitos é a exclusividade que é diretamente relacionada a estar comprometido com alguém, ou seja, o fato de o parceiro trair com uma terceira pessoa, fere com este compromisso. Com relação a esta questão, vimos que ao longo da história a exclusividade da mulher com relação ao homem sempre se manteve, ou seja, era concedida muita liberdade ao homem e pouca liberdade à mulher. No passado a mulher era praticamente sempre castigada caso traísse seu parceiro, enquanto que ao homem nada acontecia caso fosse descoberto traindo sua companheira. Ou seja, nossos sujeitos mantêm em mente a questão da exclusividade quando falam de um relacionamento de compromisso com alguém. Porém, atualmente parece que quando a mulher descobre a traição por parte do homem, há uma espécie de “castigo” pois chega ao rompimento do relacionamento, ao contrário do que acontecia no passado, quando o homem era praticamente impune por seus atos de traição. Parece haver, hoje em dia, um movimento e um posicionamento mais enfático por parte das mulheres com relação à traição masculina do que antigamente. Com relação a isto, Giddens (1993) enfatiza o fato de que apesar do padrão duplo ainda existir, as mulheres não são mais tão tolerantes diante dos casos extraconjugais dos homens e elas pensam que podem também agir da mesma forma que eles (p. 22).

Com relação às definições de traição e infidelidade dadas pelos sujeitos da pesquisa, fica claro a dificuldade de se pensar em um assunto ainda considerado como tabu atualmente. Vimos que até mesmo entre os pesquisadores não há um consenso quanto à definição destes termos (Blow e Hartnett, 2005a). Mas, por outro lado, foi levantada uma nova definição para o que alguns sujeitos consideram traição virtual: a “traição por pensamento”, que está muito próxima à definição dada por alguns pesquisadores para infidelidade emocional. Ela se refere aos casos de infidelidade mediada pela Internet. O relacionamento neste caso é estabelecido sem contato visual ou físico pelos parceiros e não há um objetivo principal e aparente de achar um parceiro sexual, como seria nos casos de infidelidade sexual (Barta e Kiene, 2005). A infidelidade é emocional na Internet

porque entram em jogo fantasias e desejos pessoais, além do uso da palavra (escrita e oral), porém sem o sexo ou o contato corporal real.

É interessante lembrar que Murphy et. al. (2005) explicam que o homem demonstra ciúmes quando descobre que sua parceira foi infiel sexualmente e os ciúmes na mulher serão ativados quando descobre que seu parceiro se envolveu emocionalmente com outra pessoa pois ela tende a achar que seu parceiro pode não estar mais querendo investir nela de maneira exclusiva. Talvez isto explique porque seria (ou foi de fato) muito doloroso para a maioria das mulheres entrevistadas descobrirem que seus parceiros foram infiéis com elas na Internet. A entrevistada Vera exemplifica isto no relato abaixo:

“(...) as vezes palavras lidas doi mais ke algo acontecido pq se tu se encontra com alguém sem mt conversar ã tem como sentir algo mais sabe.. e conversando tu acaba sentindo algo...pela pessoa carinho etc. (...) sempre falei ke se alguém me traísse real ou virtual já era tudo”. (Vera, 18 anos, auxiliar de administração e está no Orkut há quase 3 anos).

Fica claro que ela dá muita importância ao sentimento que pode ser gerado em conversas *online* e não só ao fato de o parceiro se encontrar fisicamente com outra mulher.

Vimos também que quando foram perguntados se conheciam alguém que tivesse tomado conhecimento de uma traição ou infidelidade *online*, quase todas as mulheres além de relatarem casos, assumiram que elas mesmas já tinham passado por uma situação de descoberta tanto real quanto virtual por parte do parceiro amoroso. Já entre os homens, apenas um disse que já tinha acontecido com ele mesmo, já os outros, só contaram casos conhecidos. Não posso generalizar a minha análise a respeito disso, pois o número de homens entrevistados foi inferior ao de mulheres, mas posso sugerir que para o homem é mais difícil assumir que foi traído ou que traiu, ainda mais para uma pessoa do sexo feminino (para mim, entrevistadora). Ademais, como foi colocado, pesquisar sobre a infidelidade é difícil, por ser um assunto complicado de se falar abertamente (pressão social, danos individuais, etc.). Muitos temem que seus relatos possam ser revelados, principalmente dentre aqueles que já foram infiéis em algum momento de suas vidas. (Blow e Hartnett, 2005a, p. 187). Pode ser que até mesmo a baixa aceitação para participar da pesquisa por parte dos homens possa estar indicando esta dificuldade de falar abertamente sobre o assunto, ou por

acharem que o fato de alguns terem relacionamentos pela Internet com outras mulheres não significa que estão sendo infiéis. Isto porque na Rede não há o contato físico que é considerado pré-condição para a traição real: “Por conta da ausência do contato corporal, as pessoas tendem a pensar que não estão sendo infiéis com seus parceiros enquanto teclam com outras pessoas na Internet” (Ben-Ze’ev, 2004).

Por ser algo novo, fica aparente também a dificuldade dos sujeitos pensarem a respeito da infidelidade *online*, como relata Luisa em dois momentos diferentes de sua entrevista:

“ah eu acho que seria uma traição como qualquer outra, iria conversar, discutir e talvez até terminar o relacionamento” /

“eu acho que por não ter um envolvimento, contato ela (infidelidade online) é vista como mais amena, a real aí é mais complicado você aceitar, e aí já é motivo para terminar tudo. Acho isso, que ela não é tão ameaçadora como a infidelidade real” (Luisa, 21 anos, estudante de Enfermagem e está no Orkut há um ano).

Estas duas passagens mostram uma contradição dentro do relato de Luisa, fruto da vivência de um novo sentimento gerado pelo uso do Orkut. Se já é complicado pensar em algo como a descoberta de uma traição no mundo real, que geraria muitos sentimentos contraditórios, imagine vivenciar isto dentro da Internet. Apesar de já ter se constituído como um novo lugar para a procura de parceiros amorosos, como também já foi visto no terceiro capítulo, parece que ainda não foram construídos parâmetros para se pensar até onde se pode ir, no que diz respeito a esta procura de aventuras amorosas. Devido a este fato, fica igualmente difícil pensar nos sentimentos gerados a partir da descoberta destes novos relacionamentos, por parte do parceiro amoroso “real”.

Por fim, apesar da diferenciação apontada também pelos sujeitos entre o contato físico existente na traição real e a sua ausência na infidelidade *online*, as reações apontadas perante a descoberta das duas são muito parecidas entre si. É um outro tipo de infidelidade, apesar de ser descrita como mais amena do que a real (que acontece fora da Rede), por conta da ausência do contato corporal. Apesar disso, há o receio de que as fantasias e desejos saiam da Internet para o mundo real. Ou seja, não houve um consenso por parte dos entrevistados a

respeito dos sentimentos gerados pela descoberta da infidelidade *online*. Assim como cada um teria uma opinião diferente a respeito da infidelidade que acontece fora da Internet, o mesmo acontece com as reações perante a infidelidade *online*. Podemos pensar que apesar do meio ser diferente (Internet, ou virtual), a infidelidade pode acontecer da mesma forma e isto faz com que as pessoas reajam das mais diversas formas, da mesma maneira como ocorre fora da Rede.